

O diálogo do corpo *queer* latino com o corpo kafkiano

The dialogue between the queer Latin body and Kafkaesque body

Vinícius Gonçalves dos Santos¹

Dr. Edgar Cezar Nolasco²

Resumo

O presente resumo expandido tem como objetivo apresentar a leitura a ser trabalhada no artigo. Buscamos por meio dele apresentar o diálogo entre os corpos *queer* latino com o corpo kafkiano, aqui representado pela obra *A metamorfose*. Fazemos essa leitura embasados na crítica biográfica fronteiriça, trabalharemos também o conceito de exterioridade e descolonialidade. Os principais autores trabalhados são Edgar Cezar Nolasco, Walter Mignolo, Juliano Garcia Pessanha, Marcos Antonio Bessa-Oliveira.

Palavras-chave: *A metamorfose*, Crítica Biográfica Fronteiriça, Descolonialidade, Exterioridade, Kafkiano.

Abstract

This expanded abstract aims to present a reading to be worked on in the article of the same name. We seek through him to present the dialogue between the queer Latin bodies and the Kafkaesque body, here represented by the work *The metamorphosis*. We do this reading based on the *crítica biográfica fronteiriça*, we will also work on the concept of exteriority and decoloniality. The main authors worked on are Edgar Cezar Nolasco, Walter Mignolo, Juliano Garcia Pessanha, Marcos Antonio Bessa-Oliveira.

Key words: *A metamorphosis*, *Crítica Biográfica Fronteiriça*, Decoloniality, Exteriority, Kafkaesque.

1. Introdução

Este trabalho busca trabalhar o corpo *queer* latino em diálogo com o corpo kafkiano. Para que se estabeleça esta leitura, precisamos pontuar que utilizamos da obra *A metamorfose* para significar o corpo kafkiano. A leitura realizada aqui tem por base os preceitos da crítica biográfica fronteiriça (NOLASCO, 2019), exterioridade (PESSANHA, 2018), desobediência epistêmica (MIGNOLO, 2008) e corpo estranho (LOURO, 2016).

Nesse sentido, não basta empregar conceitos advindos de teorização fronteiriça, ou mesmo nomes e sobrenomes de pensadores desse pensamento, entendendo que, agindo assim, estaria pensando descolonialmente. Nada disso. É, mais do que preciso, é necessário a inscrição do corpo e do compromisso teórico, político mesmo desse

¹ Graduando em Letras Português / Inglês pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, NECC - Núcleo de Estudos Culturais Comparados; Campo Grande, Mato Grosso do Sul, Brasil; viniciusgs16@gmail.com

² Doutor em Literatura Comparada pela Universidade Federal de Minas Gerais. Projeto “Paisagens transculturais na fronteira sem lei”, NECC - Núcleo de Estudos Culturais Comparados; Campo Grande, Mato Grosso do Sul, Brasil; ecnolasco@uol.com.br

pesquisador. E tal presença se daria por meio da inscrição de seu bios e de seu lócus ancorando seu lócus enunciativo, mais sua consciência fronteiriça, ou condição mesma de pensar. (NOLASCO, 2019, p. 3).

Conforme vemos na citação acima, deve-se levar em conta o posicionamento, tanto histórico quanto geográfico dos pesquisadores, para que se possa abrir esta nova leitura crítica de Kafka. A principal divisão que separa autor (Franz Kafka) dos pesquisadores (Edgar e Vinícius) é a virada do século, conforme Nolasco (2012), a virada do século permitiu que a crítica subalterna tivesse mais voz presente. Ler *A metamorfose* como uma metáfora para o corpo *queer* passa a ser possível graças as novas epistemologias surgidas da fronteira. Deste modo, para que se fale deste corpo descolonial, é preciso que esteja demarcado o local em que este discurso está se erigindo.

2. O corpo queer latino em oposição ao corpo hegemônico

Deste modo, a única forma de pensar esses corpos da exterioridade (ou exteriorizados pelos padrões que internalizam poucos), para além de corpos padronizados pelo sistema cartesiano, é evidenciá-los por uma ótica da sua própria cosmovisão de corpo-no-mundo. Uma visão que considera, prioritariamente, a forma como seu corpo se constitui/consolida, aprende/apreende, é, sabe, sente e faz em relação com sua própria natureza de sujeito-mundo. Distante, obviamente, da ideia de sujeito alheio do ou que domina o mudo. (BESSA-OLIVEIRA, 2019, p. 73)

Conforme a epígrafe, a única forma de pensar os corpos da exterioridade seria por meio de sua própria cosmovisão de corpo-no-mundo. Ao trazer o corpo kafkiano para a América Latina, levanta-se a questão: Como o um corpo vindo do centro do mundo se relaciona com os corpos da beirada do mundo, especificamente com os corpos *queer*? Considerando apenas os aspectos ficcionais da obra, não teríamos um local preciso de onde a história se passa, entretanto, levantando os aspectos biogeográficos da obra e autor, vemos que a história se situa em um ambiente familiar ao autor, ou seja, o continente europeu.

Entretanto, o corpo kafkiano, presente em *A metamorfose*, é um corpo que se destoa, e é destoadado, do corpo europeu / hegemônico. O destoar da hegemonia traçamos um primeiro elo entre o corpo *queer* latino e o corpo kafkiano. Conforme trabalhado no texto “A metamorfose do corpo homossexual ao ‘sair do armário’”, prosseguimos com a leitura de *A metamorfose* como uma metáfora para o “sair do armário”, termo usado para tratar de sujeitos *queers* que trazem sua sexualidade à luz do dia.

Existe na arte, na cultura, na economia, na política e na educação brasileiras um modelo de corpo perfeito que também (es)barram corpos outros! E essa noção de corpo perfeito nas diferentes instâncias está assentada no cogito cartesiano “penso, logo existo”! Portanto, um modelo de corpo Moderno que desassociou a razão e emoção. (BESSA-OLIVEIRA, 2018, p. 6)

O corpo que aparece em *A metamorfose*, o corpo outro, ou então, o corpo estranho, está em dissonância com o cogito cartesiano. Na obra, o corpo se torna dissonante, há um breve histórico sobre aquele corpo, que até a noite anterior era um corpo semelhante, em aspectos de hegemonia, entretanto, a partir do momento em que se nota a quebra, inicia-se a tentativa de

“educação”, poderíamos até dizer “civilização”, daquele corpo. Na obra em questão, esta “educação” vem por meio do confinamento, no controlar do “ir e vir”.

No início do segundo capítulo de *A metamorfose*, temos o momento em que a irmã de Gregor lhe entrega uma refeição, uma tigela de leite, item que antigamente Gregor adorava, entretanto, após a metamorfose, a tigela de leite passa a ser intragável. Ao retornar, a irmã nota que Gregor não comeu, ela retira a tigela “[...] não com as mãos nuas, mas com um trapo [...]” (KAFKA, 1997, p. 37), nota-se aqui a patologização do corpo de Gregor Samsa. A patologização de Gregor Samsa se torna ainda mais evidente no trecho a seguir:

Em meio a pequenos acessos de asfixia, ficou observando, com os olhos um tanto fora das órbitas, a irmã, que não suspeitava de nada, juntar com uma vassoura não só os restos, mas também os alimentos que não tinham sido tocados por Gregor – como se estes também não pudessem mais ser aproveitados -, despejar tudo às pressas num balde, que ela fechou com uma tampa de madeira e depois carregou para fora. (KAFKA, 1997, p. 38)

A patologização do corpo kafkiano é mais um dos elos que dialogam com o corpo *queer* latino. 30 anos atrás, ser um sujeito *queer* era considerado ser uma pessoa doente, segundo a OMS, entretanto, no dia 17 de março de 1990 a OMS retira o sufixo “-ismo” que anteriormente associava pessoas *queer* a doenças psicológicas. Mas ainda hoje encontra-se clínicas clandestinas de “cura gay”, o que mostra que ainda hoje os corpos hegemônicos patologizam os corpos outros.

3. Conclusão

Este resumo expandido abre a discussão a ser ampliada no corpo do artigo. Notamos brevemente que há elos que conectam os corpos *queer* latinos com o corpo kafkiano. Estes elos são criados pela própria interioridade ao traçar uma linha distintiva entre os corpos, aqui introduzimos dois elos: a patologização do corpo *queer* e a dissonância com a hegemonia. Conforme dito acima, os temas aqui introduzidos serão tratados com mais profundidade no corpo do artigo.

Referências

BESSA-OLIVEIRA, M. Biogeografias artísticas como exterioridade dos fazeres – corpos latinos fronteiriços. *Cadernos de estudos culturais*, Campo Grande, MS, v. 2, p. 101-140, jul./dez. 2018.

BESSA-OLIVEIRA, Marcos Antônio. *Paisagens Biográficas Pós-Coloniais: Retratos da Cultura Local Sul-Mato-Grossense*. – Campo Grande, MS: Life Editora, 2018.

EMICIDA. *Ismália part. Larissa Luz & Fernanda Montenegro*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=4pBp8hRmynI>>. Disponível em 19/05/2020.

KAFKA, Franz. *A metamorfose*. Tradução e posfácio por Modesto Carone. – São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

KAFKA, Franz. *Essencial Franz Kafka*. Trad. Modesto Carone. - São Paulo: PenguinClassics Companhia das Letras, 2011.

LOPES, Denilson. Notas sobre crítica e Paisagens Transculturais. *Cadernos de estudos culturais*, Campo Grande, MS, v. 2, n. 3, p. 21 – 28, jan./jun. 2010.

LOURO, Guacira Lopes. *Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer*.-2. ed.; 3. reimp. - Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

MAIA, Dhiego. *Há 30 anos OMS tirou homossexualidade de catálogo de distúrbios*. Folha de São Paulo, 2020. <<https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2020/05/ha-30-anos-oms-tirou-homossexualidade-de-catalogo-de-disturbios.shtml>> Acesso em: 16/08/2020 às 16:58.

MAIA, Dhiego. *Ser gay deixou de ser 'doença' há 28 anos; beijaço lembra a data*. Folha de São Paulo, 2018. <<https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2018/05/ser-gay-deixou-de-ser-doenca-ha-28-anos-beijaco-lembra-a-data.shtml>> Acesso em: 16/08/2020 às 16:58.

MEDEIROS, P. Crítica biográfica fronteiriça: epistemologias do Sul. *ESTUDOS/A MARGem*, Uberlândia, n. 12, ano 7, abr-ago. 2017

MEDEIROS, P. Crítica biográfica: literatura e política da amizade. *Revista ao pé da letra - VOLUME 19.2 – 2017*

MEDEIROS, P. Memórias homo-biográficas da exterioridade silviano santiago e as suas/nossas mil rosas roubadas. *Revista GeoPantanal*, UFMS/AGB, Corumbá/MS, N. 27, p. 109-120, jul./dez. 2019.

MEDEIROS, P. O apagamento do nome próprio como traço da escrevivência: Silviano Santiago e as Mil rosas roubadas. *Acta Scientiarum. Language and Culuture*, v. 42, e51545, 2020

NOLASCO, E. Para onde devem voar os pássaros depois do último céu?. *Cadernos de estudos culturais*, Campo Grande, MS, v. 8, n. 17, p. 35 – 51, set./dez. 2016.

NOLASCO, E. Perto do coração selvagem da crítica fronteiriça. *Cadernos de estudos culturais*, Campo Grande, MS, v. 4, n. 7, p. 60– 72, jan./jun. 2012.

NOLASCO, E. Crítica biográfica fronteiriça (BRASIL\PARAGUAI\BOLÍVIA). *Cadernos de estudos culturais*, Campo Grande, MS, v. 7, p. 55-76, ago./dez. 2015.

NOLASCO, E. Memórias subalternas latinas: ensaio biográfico. *Cadernos de estudos culturais*, Campo Grande, MS, v. 5, p. 65-88, set./dez. 2013.

NOLASCO, E. Políticas da crítica biográfica. *Cadernos de estudos culturais*, Campo Grande, MS, v. 2, n. 4, p. 35 – 50, jul./dez. 2010.

NOLASCO, E.; NORONHA, M.. Corpo epistêmico na/da fronteira da exterioridade – biografias (des)iguais sociais. *Cadernos de estudos culturais*, Campo Grande, MS, v. 2, p. 25-34, jul./dez. 2019.